

Evasão escolar na Educação Profissional: quando a escola legitima a exclusão

Natália Gomes da Silva Figueiredo

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ)
Universidade Federal Fluminense (UFF)/ Pós-Graduação em Sistemas de Gestão
ngsmaill@hotmail.com

Denise Medeiros Ribeiro Salles

Universidade Federal Fluminense (UFF)
denisesalles@id.uff.br

Resumo

Esse trabalho é oriundo de dissertação de mestrado que buscou analisar causas de evasão escolar em uma instituição de Educação Profissional. O recorte aqui realizado teve por objetivo destacar a atuação da escola no processo de abandono, promovendo reflexões que permitem entender como instituições de ensino voltadas à inserção no mercado de trabalho dificultam a permanência dos estudantes e legitimam a exclusão. A investigação assumiu a forma de um estudo de caso e envolveu pesquisa documental e de campo. No que diz respeito à abordagem, o estudo foi do tipo qualitativo e empregou a estratégia da análise de conteúdo para o tratamento do material, coletado por intermédio de entrevistas semiabertas. Os resultados da pesquisa evidenciaram os seguintes fatores escolares vinculados à evasão: critérios de avaliação inflexíveis, método pedagógico pouco dinâmico, professores pouco incentivadores e ausência de flexibilidade de horários.

Palavras chave: educação profissional, evasão, escola, exclusão.

Introdução

Diversos autores, ao realizarem estudos sobre as causas da evasão escolar, nos mais diferentes níveis de ensino, trataram acerca das questões escolares. Rumberger (2011), Lee e Burkam (2003), Stearns e Glennie (2006), Dore e Lüscher (2011), Moreira (2012), Cravo (2012), Silva, Pelissari e Steimbach (2013), dentre outros, que realizaram pesquisas em âmbitos nacional e internacional, trouxeram importantes contribuições às discussões.

Por vezes, mencionadas de forma direta nos estudos sobre evasão, as questões escolares fazem alusão ao currículo, às normas institucionais, à atuação docente, dentre outros aspectos. Em outros momentos, camuflam-se nas dificuldades que impossibilitam a adaptação do estudante ao ambiente escolar. São expressas como dificuldades discentes relacionadas ao aprendizado das disciplinas ou como questões de cunho relacional.

Esse estudo, por intermédio de entrevistas semiabertas e análise qualitativa de conteúdo, examinou os discursos de dez estudantes evadidos de uma instituição de Educação Profissional pertencente à Rede Federal de Ensino. A seguir, são apresentados resultados parciais da análise que demonstram de que modo escolas de Educação Profissional podem dificultar a permanência de alunos em seus cursos ou mesmo favorecer o abandono.

Resultados e discussão

A análise aqui realizada está estruturada por categoria. Os alunos evadidos estão identificados por códigos: A1 refere-se a aluno evadido 01, A2 refere-se a aluno evadido 02 e assim por diante.

Critérios de avaliação inflexíveis

Uma das queixas referentes às avaliações diz respeito aos critérios pouco flexíveis. Um dos entrevistados, supondo situações que teriam favorecido sua permanência na Instituição, imaginou um sistema de avaliação em que outros elementos, além da prova, pudessem ser considerados na composição da nota final. Ele se expressou da seguinte forma:

Quadro 1: transcrição de trecho de entrevista - critérios de avaliação (A7)

A7	[...] talvez o sistema de prova também mudasse um pouco, não fosse só: ah, você fez, você passou, você foi aprovado. Eu acho que se essas coisas tivessem uma facilidade maior [...] trabalho, comportamento... provas, que isso não tem como fugir.
----	--

Fica clara, na fala do entrevistado 07, a necessidade de ser avaliado a partir de perspectivas que vão além daquelas englobadas pela prova, de ser observado e compreendido na totalidade de suas potencialidades. Neste caso, um respondente de 27 anos, trabalhador, que havia concluído o Ensino Médio há muitos anos e se sentia deslocado em meio ao grupo em que foi inserido, constituído, principalmente, por adolescentes. Apesar de possuir uma noção clara a respeito de seus objetivos profissionais, o estudante sentia que era impossível acompanhar o ritmo de um Curso que não atendia às suas necessidades específicas de aprendizagem.

Costa (2000) discursou acerca do tratamento dispensado pela escola a um determinado perfil de estudante. Conforme a autora, embora a escola brasileira pretenda, por intermédio da garantia de instrução básica a todos, alcançar o status de democrática, encontra obstáculos na própria incapacidade de constituir-se espaço efetivamente público, já que se revela incapaz de atender às necessidades de um aluno trabalhador em seu processo de aquisição de saberes.

Método pedagógico pouco dinâmico

Ao se referirem ao problema do método pedagógico pouco dinâmico, os respondentes evidenciaram situações que permitem compreender o impacto dessa questão tanto em seu desempenho acadêmico quanto na decisão do abandono. É importante ressaltar que, como ocorreu com outros fatores abordados, o método não figurou, nos discursos dos alunos, como razão precípua da evasão. No entanto, o que se pôde compreender, por intermédio de uma análise mais detalhada das transcrições, é que a maneira como se conduziam as aulas, incluindo o material didático adotado pelo professor, era uma questão a que os respondentes atribuíam enorme peso.

Quadro 2: transcrição de trechos de entrevistas - método pedagógico (A3 e A4)

A3	[...] Redes, assim... os materiais que o professor passava pra gente estudar eram livros muito grandes e, fazendo junto com a escola - eu tava estudando à noite - [...] era muita matéria.
A4	[...] o material didático [...] tem uns professores que falavam muito e eles colocavam slide e tal... que eles tavam falando... só escrito. A gente não tinha, ali, a noção do que a gente tava mexendo, a proporção daquilo. Então era só mais falado e [...] esse método de ensino eu não gosto. [...] era questão, assim, de muita leitura. Eu acho que fica mais interessante ter ali a coisa, no caso. [...] Porque eu, por exemplo, aprendo muito com a prática. Eu prefiro, se eu pudesse dizer, mil vezes a prática do que a aula teórica.

É importante notar, para além das questões de caráter prático, a forma como o método, por vezes, representava a exclusão do aluno do processo de aprendizagem. A respondente 09 sentia que não conseguia participar das aulas, não se sentia apta, de alguma forma, a produzir. E quando foi questionada, no decorrer da entrevista, acerca da influência do método pedagógico sobre a evasão, ela se expressou da seguinte forma:

Quadro 3: transcrição de trecho de entrevista - método pedagógico (A9)

A9	Influencia também... porque você se sente um pouco por fora. Aí tinha alunos que já sabiam do assunto, já se inteiravam do assunto e ficavam mais na frente. Então a gente ficava [...] meio perdida. [...] as aulas não eram muito dinâmicas, aquela coisa que você consegue participar e você dá ideia. É aquela coisa tipo: é isso, ponto e acabou! Entendeu, né? [...] Era mais teórica, não tinha assim [...] um exemplo, ou alguma coisa assim que consiga [...] inteirar no assunto. Quem vem de fora, tinha muito assunto que não entendia de nada... e não tinha um exemplo, não tinha assim quase nada [...] acho que tinha que ter um método que te prendesse mais na matéria [...] eu acho que tinha que prender mais os alunos no Curso.
----	--

As dificuldades relativas ao método também foram sentidas, em grau maior ou menor, por outros respondentes. Elas, juntamente, com outros fatores, eram responsáveis por fazer com que os alunos não se inserissem no grupo, concluindo que estavam muito aquém da capacidade dos demais estudantes. Marin (1998) aponta para o despreparo profissional docente no que tange à organização de conteúdos e procedimentos didáticos, afirmando que esse se constitui um dos elementos que concorrem para a produção do fracasso escolar. Digase de passagem, o fracasso escolar, na literatura, diz respeito tanto à evasão como à retenção de alunos.

Professores pouco incentivadores

Esse fator vinculou-se, nos discursos, à incapacidade de alguns professores de estimular os alunos no que tange tanto à permanência na Instituição quanto à aprendizagem. Revelou-se um problema de indiferença docente quanto às dificuldades manifestas pelos alunos, estivessem elas explícitas ou camufladas. A falta de incentivo não se constituiu, nas falas dos ex-alunos, a razão que os conduziu ao abandono da escola, mas se configurou como um elemento que, talvez, tivesse assegurado sua permanência.

Quadro 4: transcrição de trecho de entrevista - incentivo docente (A7)

A7	<p>Bom, acredito que... não sei se todas são assim... você costuma ver isso muito na faculdade, né? Que o aluno estando ali, estando ou não, tanto faz como tanto fez. Então eu acho que, no técnico, o professor podia acreditar um pouco mais no aluno, eu acho que nem sempre isso acontece.</p> <p>[...] eu acho que faltou uma preocupação [...] porque teve situações que [...] você via que podia ter feito algo mais por aquele aluno, mas o professor meio que ele se anulou. Ah, não! Ele tirou isso aqui... é problema dele.</p> <p>[...] tinha professores que eu via que chegavam a ser um pouco rude [...] porque já estavam tão saturados de tá sempre chegando e chamando à atenção [...] você vai vendo isso, você acaba se desmotivando.</p>
----	--

A postura pouco incentivadora assumida por alguns docentes também já havia sido apontada em outras pesquisas acerca da evasão escolar. Oliveira (2001) mencionou o interesse insuficiente, por parte de alguns docentes, no auxílio aos alunos em situação de defasagem. A questão pode se tornar mais abrangente, no entanto, se observada do ponto de vista do relacionamento entre professores e alunos, contemplando aspectos que extrapolam a simples ótica do incentivo. Os fatores associados às questões de relacionamento nem sempre são considerados no cotidiano escolar. Entretanto, eles apareceram de forma bastante acentuada nos discursos de alguns entrevistados.

Um aspecto do relacionamento que se estabelece entre professores e alunos tem a ver com o que se pode compreender como distanciamento cultural, que remete às práticas pedagógicas que desconsideram o contexto de vida do aluno, bem como sua trajetória. A entrevistada 10, que trabalha como babá, não estava inserida no contexto das novas tecnologias até o momento de seu ingresso na Instituição analisada. Conforme relatou, todos os seus trabalhos escolares no Ensino Fundamental eram realizados com apoio de livros. Quando se deparou com uma realidade em que deveria demonstrar conhecimentos relativos à redes de computadores, a ex-aluna demonstrou desespero.

Quadro 5: transcrição de trecho de entrevista - incentivo docente (A10)

A10	<p>Nossa, foi o pior pra mim! [...] eu era “bicho do mato”, eu não lidava com a internet. Era ela pra lá e eu pra cá. E aqui era bem avançado já, era informática avançada. Então eu cheguei assim... hã? Ficava perdida... tipo assim... o que era uma rede? [...] eu não entendia! Pra falar a verdade, eu não entendia nada do que o professor explicava.</p> <p>[...] porque eu não tinha noção mesmo. Ó, tanto que todo mundo na sala já tinha facebook... era facebook? Era, facebook... eu não tinha nada disso. Eu não mexia mesmo com a internet. Eu não sabia nem o que era uma rede, eu fiquei perdida! Assim, ele lá falando [...] rede isso, isso e aquilo, tem vários tipos de rede... eu: “ô professor, eu sei que tem vários tipos de rede, mas, primeiramente, o que é uma rede? Ele não deve ter acreditado muito naquela pergunta, mas eu tive que fazer. [...] ele não tava esperando que eu fizesse aquela pergunta, ele estava esperando que eu perguntasse uma coisa muito mais avançada. Mas eu não podia perguntar uma coisa que eu nem... entendeu?”</p>
-----	--

Setúbal (2010) discorreu a respeito dessa questão. A autora destacou a atuação da escola na produção do fracasso escolar descrevendo diversas situações em que as interações sociais são marcadas pelo que ela chama de “violência simbólica”. Setúbal alerta para o fato de que essa violência acontece sob a invisibilidade de determinadas regras e atitudes, sendo, muitas vezes, camuflada. A distância entre o currículo formal e a realidade do mundo dos estudantes, bem como a desvalorização de sua história e vivências é um exemplo de violência simbólica.

Ausência de flexibilidade de horários

Alguns respondentes encontraram dificuldades no que diz respeito ao horário em que o Curso é oferecido. Sendo o turno da tarde a única opção disponível, eles chegaram a afirmar que se trata de uma formação pensada para quem não precisa trabalhar. Um entrevistado argumentou que deveria existir uma turma noturna que contemplasse, inclusive, outro perfil de alunado.

Quadro 6: transcrição de trecho de entrevista - flexibilidade de horários (A7 e A9)

A7	[...] acredito que teria que ter turmas à tarde pra pegar essas pessoas [o aluno referiu-se aos estudantes adolescentes] e à noite pra, talvez... porque você vê que eu entendi que a ideia do Curso é pra quem tá no Ensino Médio, não pra quem já tá no mercado de trabalho, pelo menos foi o que eu entendi.
A9	Porque o horário, realmente, é só pra quem não tem intenção de trabalhar [...]

É importante ressaltar que esse fator de abandono está vinculado, quase sempre, às necessidades de alunos que já estão inseridos no mercado de trabalho ou que pretendem se inserir. Moreira (2012), que examinou o abandono de alunos no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja), cujo perfil corresponde ao do aluno trabalhador e que precisa, portanto, conciliar suas atividades profissionais com os estudos, também obteve a inflexibilidade de horários como um de seus resultados.

Conclusão

Evasão nada mais é que do que um processo de exclusão, estejam ou não os excluídos cientes disso. Ela representa a negação não apenas das histórias de vida, mas das possibilidades reveladas pela aquisição do saber.

Os resultados não apenas dessa pesquisa, como os de muitas outras a respeito da temática, têm revelado a insuficiência de esforços, oriundos das mais diversas esferas de atuação, no sentido de pensar projetos e desenvolver ações que favoreçam a permanência dos estudantes nos cursos. A discussão proposta por esse artigo nos leva a questionar, enquanto fator motivador de evasão, o tipo de formação que vem sendo oferecida pelas escolas, sobretudo aquelas voltadas à formação do jovem trabalhador.

Em suas ponderações, Fornari (2010) afirma que a evasão é um fenômeno decorrente de dois fatores: **organização escolar**, que inclui a maneira como os professores se portam diante do aluno e sua história de vida e **herança cultural, social e econômica**, que, em última instância, condiciona o desempenho intelectual do aluno.

Importante é estar ciente de que enquanto a escola não for lugar de acolhimento dos sujeitos e suas histórias, repletas de lacunas, mas também de potencialidades, problemáticas relacionadas ao fracasso escolar, tal como a evasão, estarão sempre na pauta de discussões que, embora relevantes, carregam consigo apenas o mérito da repetição e o alento da utopia.

Partindo de uma concepção de educação individualizada, que busca acompanhar a trajetória de cada estudante, é possível realizar um trabalho preventivo e também de resgate. O que não é mais admissível é cruzarmos os braços sempre que um aluno “some” da instituição, como se não fosse também papel nosso garantir que ele também exerça seu direito de permanecer.

Referências

COSTA, Á. de C. A “Escola-sacrifício”: representações dos alunos sobre a escola, o processo escolarização, a evasão escolar e a conciliação escola/trabalho. **EDUCAÇÃO: Teoria e Prática**, v. 8, n. 14/15, p. 8–14, 2000.

CRAVO, A. C. Análise das causas da evasão escolar do curso técnico de informática em uma faculdade de tecnologia de Florianópolis. **Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL**, v. 5, n. 2, p. 238–250, 6 ago. 2012.

DORE, R.; LÜSCHER, A. Z. Permanência e evasão na educação técnica de nível médio em Minas Gerais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n. 144, p. 770–789, dez. 2011.

FORNARI, L. T. Reflexões acerca da reprovação e evasão escolar e os determinantes do capital. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 17, n. 1, p. 112–124, 2010.

LEE, V. E. .; BURKAM, D. T. . Dropping Out of High School: The Role of School Organization and Structure. **American Educational Research Journal**, v. 40, n. 2, p. 353–393, 2003.

MARIN, A. J. Com o olhar nos professores: desafios para o enfrentamento das realidades escolares. **Cadernos CEDES**, v. 19, n. 44, p. 8 – 18, 1998.

MOREIRA, P. R. **Evasão escolar nos cursos técnicos do PROEJA na rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, M. A. M. A reforma do ensino profissional: desmantelamento da educação tecnológica ministrada pelo Cefet-X? **Educação Brasileira**, v. 23, n. 46, p. 25–43, jun. 2001.

RUMBERGER, R. W. Introduction. In: **DROPPING out: why students drop out of high school and what can be done about it**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 2011. p. 1–19.

SETÚBAL, M. A. Equidade e desempenho escolar: é possível alcançar uma educação de qualidade para todos? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 91, n. 228, p. 345–366, 2010.

SILVA, M. R. DA; PELISSARI, L. B.; STEIMBACH, A. A. Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. **Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 2, p. 403–417, jun. 2013.

STEARNS, E.; GLENNIE, E. J. When and Why Dropouts Leave High School. **Youth & Society**, v. 38, n. 1, p. 29–57, 1 set. 2006.